

Imigrante, um estranho lugar: a relação com a formação do eu na diversidade

Gildo Katz¹

Resumo: O autor examina o lugar do imigrante na formação do eu na diversidade. Sustenta que existe uma diferença entre pluralidade e diversidade. Salaria que a existência de pluralidade e diversidade favorece a convivência, mas que, ao invés de serem tomadas como oportunidades para enriquecer nossas relações interpessoais, podem se tornar motivo de intolerância, conflito, violência e graves violações dos direitos humanos. Exemplifica a violência e o processo de não inclusão através da obra *O pássaro pintado*, de Jerzy Kosinski, relacionando seu conteúdo com o que ocorreu durante o nazismo. Considera a contrapartida dessa situação social no psiquismo individual com o que descreve Freud em *O estranho* (1919), texto que propõe que a presença de um outro leva ao aparecimento de elementos familiares que foram recaiados e projetados neste outro, agente do horror e representante da morte. Ilustra tal situação com um breve exemplo clínico de um imigrante. Finalmente, chama a atenção na proposição de Levinas de que a manutenção da alteridade é uma forma de permitir que nossa mente possa ser fecundada pelo outro criando, dessa forma, um lugar para o estrangeiro na construção de seu eu na alteridade.

Palavras-chave: Diversidade. Estranho. Formação do eu. Imigrante. Psicanálise.

¹ Membro titular com função didática da SBPdePA.

Introdução

Em uma sociedade, as pessoas têm formas *particulares* de viver e se expressar, têm gostos, ideias e costumes diferentes e pertencem a um ou mais grupos. A **pluralidade** se refere à existência dessa variedade de características e fatores dentro de um grupo social mais amplo. Já a **diversidade**, refere-se às *diferenças* entre as pessoas no que tange à sua etnia, orientação sexual, raça, origem, língua, religião, ideologia, gênero, entre outros. A existência de pluralidade e diversidade favorece a convivência, ainda que, em algumas ocasiões, essas diferenças, ao invés de serem tomadas como oportunidades para enriquecer nossas relações interpessoais, podem se tornar motivo de desgosto, intolerância, conflito, violência. Em casos mais extremos, acarretam graves violações dos direitos humanos, como se observa, hoje, nos cenários de terror do que acontece na Síria e na Venezuela, e o ódio ao estrangeiro, no caso atual, os muçulmanos, em várias partes do mundo, em especial na Europa e na Nova Zelândia.

O termo “estrangeiro” contém a raiz grega *xenos* e seu enunciado exprime o desprezo, o estranhamento e o indesejável que desperta desconfiança e agressividade com relação ao outro.

Subjacente à carga semântica, ao convívio entre o nativo e o estrangeiro, ou do civilizado com o não civilizado, está a construção de aprofundamento das diferenças até que o estrangeiro seja categorizado como *o inominável* do ponto de vista da cultura que o avalia. O outro aparece, seja no vocabulário, seja na vida, como aquele que não se enquadra: ameaça um padrão pré-estabelecido. Na lógica matemática formal isso se chama *princípio da contradição*, cuja regra básica é intitular as coisas segundo o pertencimento ou não a círculos bem definidos por uma pré-seleção. Nesse caso, para sempre haverá um sinal de interdição e um de inclusão.

O Pássaro Pintado. A História de Jerzy Kosinski

Em seu livro *O pássaro pintado*, Kosinski (1981/1985) conta os maus-tratos sofridos durante a segunda guerra pelo fato de ser um judeu moreno, de nariz adunco e cabelo encaracolado, vivendo entre poloneses católicos, loiros de cabelos lisos. Ele utiliza-se de uma metáfora que aprendeu com um caçador de passarinho para ilustrar o seu sofrimento. Este lhe contou que quando apanhava um passarinho, os outros pássaros voavam à sua volta, para reclamar pelo companheiro. Quando o pássaro era devolvido, eles o recebiam bem e voavam para longe. No entanto, se fosse pintada uma pinta amarela em seu bico, uma cor verde em seu peito ou uma cor azul em suas asas, os outros o destruíam.

Lamenta que o ser humano compartilhe com os animais essa tendência de que a agressão, a intolerância, nunca se manifeste numa outra espécie. O que se ataca é o outro que pertence à mesma espécie e é, todavia, diferente (Fanny Cereijido, 2009). Os nazistas, em campos de concentração onde maltratavam negros, judeus, ciganos e homossexuais, não eram perversos com os animais. Por exemplo, um oficial nazista, descrito por Samantha Power (2009/2011) em seu livro *Genocídio*, que matara centenas de judeus nas câmaras de gás, ao chegar em casa, derramava-se em lágrimas ao ver o seu cão doente. Porém os nazistas tinham se especializado em marcar a diferença do outro sobre o corpo, através de um número, preparação do ritual de encaminhamento dos judeus aos fornos crematórios de Auschwitz. Selecionar, separar, segregar, definir, perseguir e, por fim, exterminar. Para que se possa evitar que a ambiguidade do natural trânsito entre o eu e o outro se refaça em outros termos, a segregação pela marca no corpo evita ter de se aceitar que existem arbitrariedades em toda a tese que tenta defender que é possível diferenciar, entre si, os seres humanos. Assim, ostensivamente, cada indivíduo se torna portador de um símbolo que define a qualidade de sua entrada na sociedade: não pertencente. Nesse sentido, o corpo se torna um lugar de definição das formas pelas quais atua o poder, inscrevendo, como se faz ao gado, seu peso, sua medida, sua destinação, o que confere ao corpo o sentido da banalidade de tudo o que é passível de instrumentalização.

Quando essas duas categorias se afrouxam, elas ganham elasticidade e aproximam uns dos outros com naturalidade. Quando as categorias se fecham, perdem elasticidade, os outros se tornam vizinhos incômodos, estranhos, não reconhecidos, sem qualquer código de entrada e de um lugar no mundo. Deve ser mantido cativos de seus próprios destinos e suas rotas não se devem cruzar com o caminho dos naturais da terra. Por isso o padrão de estranhamento está sempre atrelado à normalidade, à pureza, enquanto ao estrangeiro carrega o estigma do mal e a ele é atribuído um papel de exclusão.

Foi pensando nessas considerações que, entre tantas possibilidades, me inclinei em desenvolver o tema do imigrante, um estrangeiro em conflito com um contexto de intolerância, de não outrar-se, de fazer do próprio umbigo o métron do mundo. Como sou filho de imigrantes, pude acompanhar muitas das vicissitudes e dos sofrimentos dos meus pais que afetaram positiva e negativamente a formação da minha personalidade.

O outro, o estrangeiro, o preconceito e a xenofobia.

Freud, no *Projeto* (1950/1989), sustenta que o outro, o semelhante, é o primeiro objeto de satisfação, o primeiro hostil e a única possibilidade de vida

para o novo sujeito. Considera que este outro, anterior e externo a ele e que precisa amá-lo e investi-lo, é a única via de que ele dispõe para vir a se tornar um sujeito, isto é, constituir o seu eu. Essa necessidade do outro para a vida, cria a partir da satisfação o amor; e o ódio a partir da frustração, da rivalidade e do desencontro.

Tal como Freud mencionou sobre a constituição do sujeito, a biologia também ensina que a diferença é o que possibilita a fecundação, início da vida, porque é necessário que o óvulo reconheça o espermatozoide como diferente. Caso contrário, o casal permanece estéril tal qual uma mente, ou um grupo que ataca o diferente a fim de prevalecer o pensamento único. Como consequência, a subjetividade do imigrante é prejudicada pela ausência de sentimentos amorosos, de compaixão para si e para os outros. Isso acarreta que as diferenças culturais que o imigrante carrega não possibilitem o enriquecimento das pessoas, dos grupos humanos, pois, como salientou Lévi-Strauss (1968), a diversidade – a troca de mulheres entre tribos diferentes – abre o caminho para o amor e a atração sexual.

Pode-se dizer que quem está imerso em uma cultura tende a tomar seus princípios como lei que escapam a um exame crítico. Essa situação levou Montesquieu (1721/2009) a escrever as *Cartas persas* no esforço de pensar na diversidade dos povos. Na visita dos persas a Paris, eles se mostram mais lúcidos em relação à realidade do que os próprios franceses. Isso não equivale dizer que os persas são lúcidos e os franceses cegos, e sim que ser o de fora é que lhes permite aquela observação. Assim, conclui que a condição de saber é não pertencer à sociedade descrita, já que não se pode viver em sociedade e, ao mesmo tempo, conhecê-la profundamente.

Na psicanálise, somos cegos de nós mesmos. Por isso aquele que deseja ser analisado deve aceitar outro olhar sobre si, o olhar do persa, do imigrante, enfim do outro diferente. O estrangeiro sabe que seu olhar questiona o “bairrismo” do outro, o que provoca forte resistência ao analista.

A essência da xenofobia é odiar o outro por aquilo que ele não é responsável. O racista não deseja a retratação do outro, mas seu aniquilamento físico e mental. Mas, por que isso ocorre?

O outro no psiquismo individual

A contrapartida dessa situação social e coletiva no psiquismo individual é, como descreve Freud em *O estranho* (1919/1987), a presença de um outro que leva ao aparecimento de elementos que já foram familiares para vida psíquica, mas que foram recalçados (rechaçados) e projetados nesse outro; corresponde

a algo próprio não admitido como tal pelo sujeito. A palavra heimlich, cujos significados são o que é familiar, caseiro, secreto, aparece como unheimlich, o não familiar. Assim, tudo o que deveria permanecer oculto e secreto, conhecido, íntimo, transforma-se no desconhecido e no estranho. Nessa inquietante estranheza, o recalcado que retorna é familiar desde sempre, tornou-se estranho porque, como salienta Freud, tem relação com o medo da morte, essa com suas diferentes representações: fantasias, aparições, medo de ser enterrado vivo, e a própria pulsão transbordada na loucura, ou seja, na desestruturação do eu. O estranho produz, portanto, uma sensação de confusão, loucura e morte, tanto na pessoa que experimenta, por se defrontar com o que sempre a aterrorizou, como no outro que funciona como um duplo aterrorizante e que não deveria estar lá.

A criação do outro (o duplo), ou a atribuição de certas características ao outro, provém da necessidade de proteger a coerência da própria imagem. O eu arcaico, imaturo, frágil e narcisista, ainda não delimitado pelo exterior, projeta para fora de si aquilo que experimenta, em si mesmo, como perigoso, convertendo-o em um duplo demoníaco e especular.

Conto aqui uma passagem na vida de um paciente que chegou ao Brasil com 18 anos, sem falar a língua e com escassos recursos econômicos. Era um estrangeiro em um lugar desconhecido e assustador. Mas era um caminho sem volta porque vivia em condições precárias e sem futuro, principalmente após a perda de sua mãe quando contava quatro anos. Um fato importante é que antes de partir, uma tia lhe dera duas peças de ouro que ele deveria entregar à sua filha em uma cidade chamada Porto Alegre, perdida na imensidão que era o nosso gigantesco país. Chegou ao Rio de Janeiro e, após a quarentena, designaram-lhe um emprego no sul. Chegando à cidade soube que o emprego não existia e ele teria que aguardar em Porto Alegre até o surgimento de outra oportunidade. Caminhava pela cidade estranha com a preocupação de como entregaria as joias à prima que mal conhecia. Abriu o papel e viu que a cidade era esta e a rua se chamava Bom Fim. Sentiu um momento de alívio porque não queria ficar com o que não lhe pertencia e, porque não, o encontro com algo familiar, com pessoas de sua terra que falavam a sua língua. Mas, talvez de forma inconsciente, sentia uma mistura de júbilo e temor como mais tarde chegou a aludir ao lembrar-se desse episódio de sua vida.

Tal preocupação revelou-se pertinente, pois após alguns dias de íntimo contato no qual rememoraram muitas histórias de um local familiar, foi convidado a morar com o casal, já que pertencia à família. Mas o preço foi alto ao presenciar brigas e agressões físicas do casal. Dessa forma, o clima familiar tornou-se estranho, mas ainda familiar, pois trazia à tona uma parte de sua história que aparentemente tinha ficado para trás e que não deveria ser lembrada

– o horror que passara em sua terra retornava com uma intensidade avassaladora. Deixou apressadamente o local com uma intensa crise de angústia que cessou ao encontrar um estranho que se aproximou dele e o tratou como um familiar que lembrava sua mãe. Posteriormente, comentou que fora preso de um terror que não podia qualificar porque, para além das brigas que incluíam ameaças de morte, o casal atribuía ao intruso a causa de seus conflitos. O clima hostil e extremamente violento que experimentara em sua cidade de origem e do qual procurava evadir-se ao emigrar estava de volta, e no seio de sua família. Em outras palavras, encontrou no estranho lugar que passou a viver – Porto Alegre – o familiar descrito por Freud. Ao mesmo tempo, era o estranho que perturbava a harmonia familiar e, tal como o pássaro pintado, precisaria ser eliminado.

Cabe lembrar que Kristeva (1988/1991) pensa que um dos maiores problemas que encontrou nos imigrantes foi a perda da mãe, como ela ilustra com a personagem Meursault da obra *O Estrangeiro* de Albert Camus. Para ela, a perda de sua mãe associada à perda da terra natal (mãe) provoca a cisão que menciona Freud e na qual o imigrante busca encontrar a solução para o sentimento que o aterroriza, o sinistro e o angustiante. No caso da personagem de Camus, ele encontra em um árabe (seu duplo) a aparente solução para o seu drama íntimo. Assassina uma parte sua representada pelo árabe desconhecido. No caso do paciente, seu caminho foi mais exitoso. Encontrara um lugar e o atribuía ao estranho desconhecido. Ele sempre viveu em Porto Alegre talvez por se sentir acolhido e por ter contido dentro de si o terror, a gama de sentimentos descritos por Freud: horror, terror, medo, pulsão de morte, o angustiante. Jamais retornou a sua terra natal e talvez esta cisão e identificação projetiva do horror em seu país de origem tenha lhe custado uma parte de sua saúde física que se traduziu em transtornos somáticos, pois apresentou uma doença cardíaca ainda muito jovem, com 41 anos.

Comentários finais

Como salienta Kristeva (1988/1991), cada um é *estrangeiro de si mesmo* já que abriga dentro de si uma vasta zona de alteridade incognoscível, e esse outro desconhecido subsiste também nas relações entre os indivíduos, classes e povos. Ao descobrir a alteridade aterrorizadora que irrompe diante da aparição do próprio eu, no outro, a pessoa fica perturbada e cambaleia. Se o imigrante contém a alteridade ameaçadora, elimina-se o portador dessa alteridade, antes de reconhecê-la como própria, como Meursault. Quando, no entanto, consegue assumir a própria estranheza, o estrangeiro deixa de ser uma ameaça. É por isso que Julia Kristeva diz “se sou estrangeira, não há estrangeiros”.

O tema do estranho lugar, portanto, é a relação do mundo que o imigrante habita, que conhece, e a realidade diversa do mundo em que ele vive e o dirige. O problema da realidade do que se vê: coisas extraordinárias que talvez sejam alucinações, coisas comuns que talvez escondam sob a aparência mais banal uma segunda natureza inquietante, misteriosa, oculta, irracional, imprevisível e mortífera, deveriam ser integradas com o núcleo que lhe é próprio. Quando não há essa integração, seja por aspectos internos do imigrante, seja pela sociedade que o rejeita e o ameaça, ocorrem transtornos significativos no que lhe é próprio, em sua incapacidade de se adaptar e no aparecimento de doenças somáticas, entre outras. Tais doenças, não raro, atingem também os seus descendentes e alteram seu aparelho mental.

O ideário xenófobo perturba a integração de partes cindidas do Self do imigrante, a fim de manter um onipotente, arcaica identidade compacta e imutável, através do tempo e da história, que conclama um passado glorioso, imaculado e falso, como a mitologia nazista, a qual foi roubada dos vikings. A presença do estrangeiro, portanto, ameaça o *status quo* e, por esse motivo, deveria ser aniquilado, como o pássaro pintado na história de Kosinski.

Levinas (1981/1987), um filósofo que concentrou sua obra na ética e na alteridade, acredita que existe um ímpeto humano para reconhecer certa proximidade do outro e que permite a integração dos estrangeiros na sociedade. Mas não deixa de considerar o ponto de vista psicanalítico de que o avizinhamo do outro é sempre revestido de muito cuidado, de apreensão que logo se transforma em ameaça e motivo de expulsão. No entanto, postula algo diferente: propõe a manutenção da alteridade como uma forma de permitir que nossa mente possa ser fecundada pelo outro da mesma forma como ocorreu no início de nossas vidas com os óvulos e os espermatozoides.

Ainda que Freud não tenha desenvolvido em profundidade o tema da repetição no *estranho*, podemos deduzir seu efeito. A oposição em jogo na repetição, entre livre arbítrio e estar “possuído” por algo alheio, assim como suas derivações (devir/maldição, humano/desumano, homem/máquina, gestos voluntários/gestos involuntários, etc.), nada mais são do que a radicalização da oposição *familiar* e *estrangeiro*. A dimensão implacável do retorno do sintoma, da repetição, é assustadoramente estranha porque desfaz a clara distinção quanto ao que é próprio e o que é alheio, quanto ao que reconheço em mim e o que não reconheço. Freud, ao escrever sobre o estranho visa, a meu ver, explorar um aspecto da vida mental que lhe permita distinguir o sinistro, o horroroso, do angustiante, e situar o núcleo que lhe é próprio desse estranho lugar.

Immigrant, a strange place: the relationship with the formation of the self in diversity

Abstracts: The author examines the immigrant's place in the formation of the self in diversity. It maintains that there is a difference between plurality and diversity. Stresses that the existence of plurality and diversity favors coexistence, while diversity, instead of being taken as opportunities to enrich our interpersonal relationships, can become a reason for intolerance, conflict, violence and serious violations of human rights. It exemplifies the violence and the non-inclusion process through the work *The painted bird* by Jerzy Kosinski, which relates to what happened during Nazism. The author considers the counterpart of this social situation in the individual psyche with what Freud describes in *The uncanny* (1919) where the presence of another leads to the appearance of familiar elements that were repressed and projected onto this other, agent of horror and representative of death. It illustrates this situation with a brief clinical example of an immigrant. Finally, it draws attention to Levinas' proposition that the maintenance of otherness as a way of allowing our mind to be fertilized by the other, thus creating a place for the foreigner in the construction of his self in otherness.

Keywords: Diversity. Immigrant. Psychoanalysis. Self-formation. Stranger.

Referências

Cereijido, F. B. (2009). O olhar sobre o estrangeiro. *Ide*, 31(47), 61-65.

Freud, S. (1989). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950)

Freud, S. (1987). O estranho. In *Edição standard brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

Kosinski, J. (1985). *O pássaro pintado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1981)

Kristeva, J. (1991). *Strangers to ourselves*. New York: Columbia University Press. (Trabalho original publicado em 1988)

Levinas, E. (1987). *Totalidade e infinito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1981)

Lévi-Strauss, C. (1968). *Mitológicas, I: Lo crudo y lo cocido*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica

Montesquieu, S. (2009). *Cartas persas*. São Paulo: Martin Claret. (Trabalho original publicado em 1721)

Power, S. (2011). *Genocídio*. São Paulo Martins Fonte. (Trabalho original publicado em 2009)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 27/04/2021

Aceito em: 17/05/2021

Gildo Katz
Rua Mariante, 288 / 1208
90430-180 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: gildokatz@gmail.com